

***YAM SUF*, O MAR DA TRAVESSIA BÍBLICA DOS ISRAELITAS**

Manu Marcus Hubner

marcush@usp.br

RESUMO: A literatura bíblica, da qual faz parte o livro do Êxodo, está repleta de situações milagrosas, das quais faz parte o relato incrível da abertura do mar e a travessia dos israelitas, fugindo da perseguição do faraó e de seu exército. Como não existem evidências extrabíblicas de que este evento tenha ocorrido, podemos estudar o significado do nome do local, detalhes históricos, geográficos e arqueológicos, além da própria narrativa bíblica, na tentativa de obtermos um melhor entendimento deste fantástico evento.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia hebraica; Israel; Êxodo; Egito; Mar Vermelho

1. *YAM SUF*, O MAR DA TRAVESSIA BÍBLICA DOS ISRAELITAS

Incríveis relatos de intervenção direta divina na história da humanidade parecem fazer parte de todo o livro do Êxodo, o segundo livro do Pentateuco – os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica¹: a narrativa da aparição do anjo em forma de sarça ardente para Moisés (capítulos 3-4), trazendo-lhe a missão de liderar seu povo na saída do Egito; as pragas do

1 A Bíblia Hebraica, ou *Torá*, compõe-se de vinte e quatro livros, dos quais os cinco primeiros são chamados de Pentateuco, e os demais são os livros dos Profetas e os Escritos.

Egito (7:19-12:29); a saída do Egito, acompanhada pela coluna de nuvem, de dia, e a coluna de fogo, de noite (13:21-22); a abertura do mar para a travessia dos israelitas (13:17-15); o recebimento dos Dez Mandamentos no Monte Sinai – episódio em que os israelitas ouviram a voz divina (19:16-20:23); e os milagres que pareciam se repetir durante a estadia dos israelitas pelo deserto, como, por exemplo, a transformação de águas amargas em doces (15:22-25), o *maná*² e as codornizes que serviram de alimentos no deserto (16:13-36), a água surgindo da pedra (17:5-6; 8-13), e as vitórias miraculosas em batalhas (17:8-16). Em resumo, uma época agraciada com um número possivelmente sem precedentes nem paralelos de milagres.

O episódio da abertura do mar é especialmente interessante. Segundo o relato do livro do Êxodo, os Filhos de Israel saíram do Egito, após séculos de escravidão³. Após sete dias de caminhadas pelo deserto⁴, ocorreu este episódio que é um dos mais espetaculares narrados pela Bíblia hebraica: a abertura do mar e a travessia dos israelitas por entre as muralhas formadas pelas águas, através de um caminho de chão seco, e a subsequente destruição do exército egípcio devido ao retorno das águas à sua posição original.⁵

A travessia da água representa a transição entre a saída do Egito, uma terra de sofrimento, mas de fartura, para o deserto, uma terra de fome e morte potenciais. Isto só é possível por causa da intervenção divina. O faraó e o exército egípcio são destruídos, mas os israelitas são miraculosamente salvos e providos de alimento (*maná*) e água. No fim do período de quarenta anos de vagueação no deserto, mais uma vez os israelitas

2 Maná era a porção diária de alimento que caía do céu para os israelitas, conforme Dt 8:16: “Quem no deserto te fez comer Maná, que teus pais não conheceram; para te afligir e para te provar, para te fazer bem, afinal”.

3 Ex 12:41. As abreviações dos livros bíblicos seguem o padrão da Bíblia de Jerusalém.

4 Diversos estudiosos confirmam a travessia do mar pelos israelitas no sétimo dia após a saída do Egito: Deutsch (1998, p. 362); Kantor (2007, p. 77); Hahn (1996, p. 114-5).

5 A narrativa completa se encontra no capítulo 14 do livro do Êxodo.

atravessam a água (desta vez o Jordão) para a terra seca⁶. O deserto, que se encontra entre as águas do *Yam Suf* e do Jordão, parece ser um “outro mundo”, onde “tudo acontece às avessas. O pão celestial cai do céu como chuva; a água celestial não cai como chuva, mas emerge de uma rocha”.⁷

Talvez a travessia do mar seja uma metáfora para a entrada em um “outro mundo”, regido por leis distintas das nossas. Mas o fantástico relato bíblico de milagres, acima da razão humana e das leis da natureza, e a ausência total de evidências extrabíblicas de que o Êxodo e a travessia do mar tenham ocorrido, servem de combustíveis para a curiosidade dos estudiosos do assunto, cujas posições são divergentes: para Malamet (1998, p. 62), a ausência de evidências não serve como prova de que os eventos não ocorreram; para Kitchen (2006, p. 312), apesar de que não haja provas de que o Êxodo, os eventos no Sinai e a construção do Tabernáculo tenham ocorrido, estes fatos possuem uma base histórica, e correspondem a realidades conhecidas do segundo milênio a.C.; Batto (1983, p. 35), afirma que “a hipótese de que os israelitas foram libertados de seus perseguidores egípcios em algum lago, rio ou mar histórico, cujo nome vago foi preservado como ‘Mar de Juncos’, deve ser sepultada para sempre”; Prentice (1913, p. 243) acredita que a narrativa do Êxodo foi escrita centenas de anos após os eventos que esta descreve, e estes eventos representam somente tradições não confiáveis.

O décimo-quarto capítulo do Êxodo conta detalhes do evento: após a saída dos israelitas do Egito, o coração do faraó se endurece (v. 4-8), e este reúne seus exércitos para perseguir os antigos escravos, que estremecem (v. 10) com a aproximação do exército inimigo. Muitos se queixam com seu líder, Moisés (v. 11 e 12), que levanta o seu cajado, dividindo, assim, as águas do mar (v. 15-19). As águas formaram muralhas ao redor dos israelitas, que atravessaram o mar em chão seco (v. 22), enquanto os

6 Episódio narrado em Js 3:4.

7 Alter e Kermode (1997, p. 626-9).

egípcios que os perseguiram pereceram quando as águas do mar voltaram à posição original (v. 28-30).

O décimo-quinto capítulo do livro do Êxodo colabora literariamente para promover o caráter épico do evento. A poesia entoada por Moisés e os filhos de Israel é um hino de vitória, salvação e crença no poder absoluto de Deus⁸, e adiciona ao texto bíblico detalhes sobre as proporções do acontecimento⁹:

“Os carros do Faraó e seu exército jogou no mar, e os escolhidos de seus valentes foram submersos no mar Vermelho” (v. 4).

“Abismos os cobriram, desceram às profundidades como uma pedra” (v. 5).

“Com o sopro de Tuas narinas foram amontoadas as águas, ficaram erguidas como uma muralha as correntes; condensaram-se abismos no coração do mar” (v. 8).

Segundo o *Talmud*¹⁰, não houve travessia do mar. Os israelitas andaram em um semicírculo por dentro do mar e retornaram para o mesmo local, porém mais para o norte. Haveria dois propósitos para a abertura do mar: os israelitas o atravessariam para fugir dos egípcios, e os egípcios morreriam afogados. Para Maimônides¹¹, o propósito seria afogar os

8 Conforme podemos observar no exemplo do verso 11: “Quem é como Tu entre os fortes, Eterno? Quem é como Tu, forte na santidade, temível em louvores, realizador de milagres?”

9 Para todas as eventuais citações referentes ao Pentateuco será utilizada a Bíblia *A Lei de Moisés*, de Melamed; para citações dos livros dos Profetas e Escritos, será utilizada a Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida.

10 Talmud quer dizer “instrução, ensinamento”, uma das obras fundamentais do Judaísmo, considerada sua “lei oral”, que consta de discussões rabínicas sobre diversos temas como leis, Ética e Filosofia. Possui dois componentes: a *Mishná*, compilada em 220 d.C., e a *Guemará*, por volta de 500 d.C. A afirmação do Talmud (Tossefot Eruchin 15a) foi também divulgada por outras fontes, entre elas Schwartz (2003, p. 7-10) e Landa (1996, p. 11).

11 Rabi Moisés filho de Maimon ou Rambam (1138-1204), nascido na Espanha, emigrou para o Marrocos e depois para Israel, fugindo de perseguições. Adquiriu

egípcios, omitindo que o milagre da abertura do mar tivesse o intuito de possibilitar a travessia dos israelitas. Sendo assim, a travessia e fuga dos israelitas não pode ter sido o propósito da abertura do mar, já que estes não fizeram a travessia; o único propósito seria destruir os egípcios.

O cenário deste episódio fantástico é chamado pela Bíblia hebraica simplesmente de *hayam*, “o mar”, ou *yam suf*, em geral traduzido como “Mar Vermelho”. Será correta esta tradução?

A pista mais relevante para sua localização é a sua proximidade de um local conhecido como *Pi-Hairote*¹², em frente de *Baal-Zefom*, diante de *Migdol* – que, por sua vez, também possui uma localização desconhecida. Em resumo, não sabemos com certeza qual o significado do nome, e nem mesmo a localização geográfica do mar da travessia. Talvez estudando a etimologia das palavras hebraicas, a narrativa bíblica, a história, a geografia e a arqueologia da região, possamos aprender algo mais sobre o famoso mar da travessia dos israelitas.

Yam Suf é escrito em hebraico da seguinte forma: *yām sūp*, (יָם סוּף) e possui muitas ocorrências na Bíblia hebraica:

- Como *yām sūp*, referindo-se ao local da travessia, Ex 15:4, 22; Nm 21:14; Dt 11:4; Js 2:10, 4:23, 24:6; Ne 9:9; Sl 106:9, 22, 136:13, 15.
- Como *hayyām*, também se referindo ao mar da travessia, Ex 14:2, 9, 16, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30; 15:1, 4, 8, 10, 19, 21; Nm 33:8; Js 24:6-7; Ne 9:11; Sl 78:13, 53.

conhecimentos em Matemática, Física, Astronomia, Medicina e em Filosofia e, no Egito, adquiriu fama praticando a Medicina, tornando-se médico da corte. Entre suas grandes obras, estão *Mishné Torá*, *Sefer haMitsvot*, os 13 Princípios da Fé e o *More Nevuchim* (Guia dos Perplexos). (PINTO, R. Samy. *Maimônides. O Mestre: Uma Pedagogia para o Século XXI*. São Paulo: Perspectiva, 2003, Introdução.)

¹² Ex 14:2; Nm 33:7. Os nomes dos acampamentos estão de acordo com a grafia de Melamed (2001).

- Outras ocorrências de *yām sūp*: Ex 10:19, 13:18, 23:31; Nm 14:25, 21:4, 33:10-11; Dt 1:1, 1:40; 2:1; Jz 11:16; 1 Rs 9:26; Jr 49:21, Sl 106:7.

A palavra *yam* significa “mar, oceano, lago”.¹³ O termo *Yam Suf* é comumente traduzido como “Mar Vermelho”.¹⁴ A palavra *suf* possui diversos significados possíveis, segundo diferentes estudiosos:

- *Suf* é um nome de lugar. *Yam Suf* é o oceano que vai até o fim do mundo. Mas o mar em questão é o mar oriental de frente para o Egito.¹⁵
- *Suf* é um tipo de planta aquática, *phiom enshari*. “O mar da planta aquática Shari”.¹⁶
- A palavra Hebraica *sūp* é derivada da egípcia *twf*, que significa “papiro (cana, junco)”. Literalmente, Mar Vermelho deveria ser traduzido como *Yam Adom*, e não *Yam Sūp*. Na mais antiga tradução conhecida da Bíblia – do hebraico para o grego – a Septuaginta (aproximadamente de 300 a.C.), a tradução de *Yam Suf* é *Erythra Thalassa*, que significa “Mar Vermelho.” Na Vulgata (cerca de 400 d.C.), *Yam Suf*

¹³ Berezin (1995, p. 275).

¹⁴ Segundo Kaplan (1981, p. 305), há várias teorias sobre o motivo do nome “Mar Vermelho”: as cores dos seus juncos; os corais nas suas águas; as cores das montanhas ao seu redor; o brilho do céu, refletindo-se nas águas; a antiga nação de Erythria, que possuía este nome devido à pintura vermelha no rosto de seus habitantes; a nação de Edom, cujo nome significa “vermelho” em hebraico.

¹⁵ Comentário de R. Abraham Ibn Ezra sobre Ex 13:18 (*Mikraot Guedolot Meorot*, 1995, Vol. 2, p. 299); R. Ibn Ezra (Espanha, século XI d.C.) foi um grande poeta, exegeta, filólogo e cientista. (Barnavi, 1992, p. 100).

¹⁶ Davies (2009, p. 70-74).

é traduzido como *Mare Rubrum*, “Mar Vermelho”. Esta tradução se manteve na tradição ocidental.¹⁷

- *Suf* surge nas Escrituras como nome de vegetal ou de algumas espécies que crescem nas margens do Nilo. Em Ex 2:3 é lembrada por meio do material do qual foi feita a cesta de Moisés. Em Is 19:6, aparece como cana e junco ao mesmo tempo. Alguns defendem a idéia de que seja a espécie *Typha angustata*, em que a cana nasce junto com o junco. É uma planta que nasce em várias épocas, cujo caule é um tubo com raiz submersa. As folhas são como faixas altas e eretas, com utilidade para a fabricação de cestos e tapetes, e suas flores ficam concentradas em camadas espessas na extremidade. Esta planta foi difundida nos pântanos em Israel e nas margens de rios. É também lembrada em Jn 2:5, “a alga se embrulhava à minha cabeça”, cuja intenção é indicar uma planta aquática em geral, que talvez seja usada desta forma.¹⁸

- *Suf* nunca significou “vermelho”, mas sim, “juncos” (plantas). Yam Suf pode ser traduzido como “mar/lago de juncos”. *Suf* pode ser comparado à egípcia *tjuf*, “plantas pantanosas/juncos/papiros”. Juncos tolerantes à água salgada (*halófitas*) crescem e florescem na região dos lagos (Manzaleh, Ballah, Timsah e Lagos Amargos) que ocupam a linha norte-sul entre o Mediterrâneo e o Golfo de Suez. Mas há uma alternativa: em vez de “Mar dos Juncos”, “Mar do Fim” (*soph*), referindo-se ao fim do mundo. O termo *Yam Suph* também é aplicado ao Golfo de Suez a ao Golfo de ‘Aqaba, ao redor da Península do Sinai.¹⁹

17 Batto (1983, p. 57-63).

18 B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 3, p. 695-700).

19 Kitchen (2006, p. 261).

- O termo egípcio *ṯwḏ(y)* não está restrito ao papiro, mas pode ser aplicado a outras espécies do pântano, como as halófitas, tolerantes ao sal. Mas tradutores da Septuaginta entenderam o termo como *sôp*, que significa “fim”, e não *sûp*, “juncos”. A travessia do mar sinalizou o fim da estadia dos israelitas no Egito, e certamente foi o fim do exército egípcio (Ex 14:23-29, 15:4-5). Talvez o verbo *sôp*, que significa “destruir” e “finalizar”, tenha-se originado deste fato. (Am 3:15, Jr 8:13, Is 66:17, Sl 73:19). Esta raiz também pode ter originado a palavra *sûpah*, que significa “tempestade/tormenta”, que possui uma grande capacidade destrutiva (Ex 14:21, Am 1:14, Os 8:7, Jr 4:13, Is 5:28, 17:13). Os significados “fim” e “tempestade” seriam perfeitos trocadilhos com relação ao evento ocorrido no *Yam Suf*.²⁰

Existem também opiniões divergentes sobre a localização do *yam suf*, onde estaria o local da travessia dos israelitas:

- Golfo de Suez.²¹
- Golfo de Serbonitis (Sabkhat Bardwil).²²
- Região do Lago Timsah.²³
- Entre o Lago Timsah e o Lago Ballah.²⁴

20 Hoffmeier (1996, p. 204-15).

21 B. Mazar (*Encyclopaedia Mikraït*, 1982, Vol. 3, p. 695-700). Segundo Mazar, esta tradição é reforçada pela tradução da Septuaginta e também por Josefo (2:15, 3). O Golfo de Suez, entre a egípcia Jubal e a cidade de Suez, é a separação entre a Península do Sinai e a costa leste do Egito. O comprimento do Golfo é de aproximadamente 300 quilômetros, a largura máxima chega a 60 quilômetros e a profundidade máxima chega a 80 metros.

22 Aharoni (1979, p. 196). Lago salino no Egito, na costa norte da Península do Sinai.

23 Robinson (1901, p. 420-2). Os lagos Timsah, Ballah e os Lagos Amargos se localizam no delta do Nilo, norte do Egito, seguindo a linha norte-sul que liga o Mediterrâneo ao Golfo de Suez. O delta possui aproximadamente 160 quilômetros de extensão de norte a sul.

24 Kitchen (2006, p. 261).

- Lagos Amargos, na extremidade leste do Wadi Tumilat.²⁵
- Lago Ballah (Tell Abu Şefeh).²⁶

Geograficamente, a região sofreu alterações desde a provável época do Êxodo até os dias de hoje. O Mar Vermelho chegava até o Wadi Tumilat, bem mais para o Norte do que a posição atual. Os estudiosos da expedição de Napoleão eram contrários à idéia de que, desde a Antiguidade, não teriam havido mudanças no istmo de Suez. Eles acreditavam que o

25 Segundo Har-El (1983, p. 353), quando Muhammad Abdullah bloqueou o canal do Wadi Tumilat em 767 d.C., os Lagos Amargos tornaram-se salgados e, quando estas águas salgadas entraram em contato com o gesso sulfúrico, estas se tornaram amargas. Por esta razão os lagos adquiriram o nome de Lagos Amargos. Na Antiguidade, os Lagos Amargos possuíam densa vegetação com cana, capim e possuíam locais para pescaria, como ficou registrado em Nm 11:5: “*Lembramo-nos do peixe que comíamos no Egito de graça*”, onde ‘de graça’ sugere que o local de pescaria não era público, mas sim, um local distante na extremidade do deserto. Segundo Ex 14:21-26, toda a nação, incluindo mulheres, idosos e crianças, atravessaram o mar em uma única noite; o Mar Vermelho deve ser, então, bastante estreito para permitir a passagem de uma multidão em uma noite. Na parte mais ao sul dos Lagos Amargos, o chão chega, em alguns pontos, à profundidade de aproximadamente um metro e meio, e podemos assumir que, durante o período das marés baixas no Nilo, o nível dos lagos deve ser ainda menor, e a primavera é o principal período no qual o nível das águas é mais baixo. Se um forte vento vindo do Leste soprar por toda a noite, uma passagem estreita pode ficar exposta neste local.

26 Para Hoffmeier (2005, p. 81-109), o Lago Ballah guarda uma tradição no nome Tell Abu Sefêh, hoje coberto pelas areias do deserto, mas escavações descobriram destroços de um impressionante porto equipado para receber diversos barcos comerciais – o local que foi provavelmente um silo Greco-Romano, uma importante cidade de fronteira egípcia entre os períodos de dominação persa e romano: os elementos *abu*, *ab* e *bu*, em árabe, representam a escrita egípcia antiga de *pi* ou *p3*. Assim como o termo hebraico *sûp* corresponde ao egípcio *tʷf*, também corresponde ao termo árabe *suf*. O nome *abu sefêh*, então, parece preservar o antigo nome egípcio do Lago el-Ballah, *p3 tʷfj*. Tell Abu Sefeh, localizado na moderna Qantara, do lado oeste do atual Lago Ballah, provavelmente reflete o antigo nome egípcio do lago (*p3 tʷfj*) e seu correspondente em hebraico (*manusuph*).

Golfo de Suez, na época dos gregos, se estendia bem mais para o Norte, até o atual lago Timsah. A porção norte do Mar Vermelho era chamada de Golfo de Heroopolis. Não podemos supor que o golfo recebesse este nome de uma cidade distante 80 quilômetros dali, e que Heroopolis, conhecida como um porto, fosse tão distante do golfo.²⁷

Os lagos atuais nem sempre correspondem ao seu tamanho de três ou quatro mil anos atrás. O que restou do Lago Ballah foi drenado no século dezenove, quando o canal de Suez foi excavado, mas partes da sua antiga configuração podem ser parcialmente vistas em imagens de satélite, e sinais de pântano ainda existem na parte ocidental do Canal de Suez. A costa do Mediterrâneo também se localizava bem mais para o sul do contorno atual, conforme estudos feitos por geólogos.²⁸

Mesmo antes da construção do moderno Canal de Suez, que destruiu as configurações dos lagos nesta região, o Egito possuía uma faixa considerável de águas entre o Mediterrâneo e o Golfo de Suez. A construção de antigos canais na direção Norte-Sul poderia facilmente fechar quaisquer espaços entre os lagos, formando uma barreira, o que traria grandes vantagens ao Egito em termos de segurança. Recentemente, traços de antigos canais foram revelados.²⁹

Para os povos antigos, o Mar Vermelho possuía um significado simbólico, além do histórico. Simbolicamente, seu nome significa “O Mar do Fim”, ou “O Mar do Fim do Mundo”. Historicamente, seu significado é o Mar Vermelho, mas estes povos antigos viam o Mar Vermelho como um mar contínuo, que se entendia do Mar Vermelho de hoje através do Oceano Índico para o Golfo Pérsico, e incluíam neste conceito todos os mares ao sul. Presumivelmente, os antigos israelitas também incluíam na descrição de *Yam Suf* todos os oceanos que se conectam para o sul.³⁰

27 Naville (1924, p. 18-39).

28 Hoffmeier (2005, p. 81-109).

29 Kitchen (2006, p. 259-260).

30 Batto (1984, p. 57-63).

O engenheiro francês Linant de Bellefonds, que fez pesquisas extensas no istmo de Suez, acreditava que os Lagos Amargos e o Canal de Suez estivessem conectados no primeiro milênio a.C. Três fatores podem ter contribuído para a mudança desta conexão: a quantidade de enchentes do Nilo, que afeta o nível dos lagos; o nível do Mar Vermelho; a elevação da terra ao redor dos Lagos Amargos. Há também evidências de que os Lagos Amargos se estendiam bem mais para o sul na Antiguidade. A área ao norte do Golfo de Suez, conhecida em árabe como *Shallûf*, apresentou dentes de crocodilos e ossos de hipopótamos durante as escavações do Canal de Suez. Também há evidências de que o nível do Mar Vermelho foi maior três a quatro mil anos atrás, e este recuou de sua orla original em torno de quinhentos metros. Existem evidências geológicas, oceanográficas e arqueológicas de que o Golfo de Suez e os Lagos Amargos poderiam realmente estar conectados durante o segundo milênio a.C., e esta conexão pode estar por trás do fato de que, tanto o lago por onde foi feita a travessia, quanto o Mar Vermelho, são chamados de *Yam Suf*.³¹

2. CONCLUSÕES

Apesar da completa falta de evidências extrabíblicas que atestem a autenticidade da narrativa bíblica do Êxodo, esta nos fornece uma linguagem e uma literatura ricas em muitos aspectos.

Esta é a história do sofrimento que se transforma em liberdade, da formação de uma nação, da esperança e da crença de que existe um poder que é, ao mesmo tempo, controlador da natureza e arquiteto da História.

O significado de cada palavra pode ser estudado, como é o caso de *Yam Suf*, o mar da travessia. Este nome nos dá diversas possibilidades de

31 Hoffmeier (1996, p. 204-15).

significados: *Mar Vermelho*, *Mar de Juncos* ou *Mar do Fim do Mundo*? Talvez a resposta seja mais de uma opção.

Em alguns milhares de anos, ocorreram mudanças geográficas na região, como o assoreamento de canais do Nilo e a mudança na posição das margens de Suez. Lagos secaram. Arqueólogos e construtores do canal de Suez encontraram restos de animais anfíbios em locais secos, e há evidências de que havia um canal fronteiro no leste do Egito, dificultando a entrada de asiáticos. Como podemos saber, então, onde ocorreu este evento? Através das diferentes conclusões dos estudiosos sobre a localização do mar da travessia, é possível verificar que há algo em comum entre os estudos: há uma grande probabilidade de que a travessia tenha ocorrido em algum ponto da linha norte-sul que liga o Mediterrâneo ao Golfo de Suez, ou nas suas proximidades, entre os lagos que existem ou que já existiram próximos ao Delta do Nilo. Os estudos mais recentes apontam para a região dos lagos Timsah, Ballah ou Lagos Amargos.

Um estudo sistemático desta natureza para determinar a localização exata da travessia deve levar em consideração muitos aspectos, dentre eles: a localização dos acampamentos dos israelitas no deserto, desde a saída do Egito (Pi-Ramsés); a geografia do local; a possível distância percorrida pelos israelitas desde a saída do Egito até o mar da travessia, já que sabemos que a travessia ocorreu no sétimo dia após a libertação, e os israelitas contavam com milhares de pessoas, inclusive crianças, idosos e até mesmo animais domésticos; conhecimento da história e da geografia antigas da região; detalhamento máximo da narrativa bíblica que diz respeito ao assunto. Fotos de satélite e visitas aos locais podem ser, também, de grande utilidade.

BIBLIOGRAFIA

- AHARONI, Yohanan. *The Land of the Bible. A Historical Geography*. Philadelphia: The Westminster Press, 1979.
- ALTER, Robert e KERMODE, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- BARNAVI, Élie. *História Universal dos Judeus*. Lisboa: Contexto, 1992.
- BATTO, Bernard F. Red Sea or Reed Sea?, in *Biblical Archaeology Review*, Vol. 10, No. 04 (1984), pp. 57-63.
- BEREZIN, Jaffa Rivka. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 1995.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2003.
- DAVIES, G. I. The Way of the Wilderness: A Geographical Study of the Wilderness Itineraries in the Old Testament. In: *The Society for Old Testament Study*, Monograph Series No. 5. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- DEUTSCH, Yosef. *Let My Nation Go*. Jerusalem: Feldheim Publishers, 1998.
- FRANCISCO, Edson F. *Manual da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- HAHN, Jerome S. *Bible Basics*. Boca Raton: International Traditions Corporation, 1996.
- HAR-EL, Menashe. *The Sinai Journeys. The Route of the Exodus*. San Diego (CA): Ridgefield Publishing Company, 1983.
- HOFFMEIER, James K. *Ancient Israel in Sinai. The Evidence for the Authenticity of the Wilderness Tradition*. New York: Oxford University Press, 2005.
- _____. *Israel in Egypt. The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition*. New York: Oxford University Press, 1996.

- KANTOR, Mattis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. New York: Zichron Press, 2007.
- KAPLAN, Aryeh. *The Living Torah*. New York: Maznaim Publishing Corporation, 1981.
- KITCHEN, Kenneth A. *On the reliability of the Old Testament*. Grand Rapids (Michigan): William B. Eerdmans Publishing Company, 2006.
- LANDA, Eli. *Sefer Masaot Israel (Hebraico)*. Jerusalém: Achim Goldenberg, 1996.
- MALAMAT, Abraham. *Let My People Go and Go and Go and Go*. In: *Biblical Archaeology Review*, Vol. 24, No. 01 (1998), pp. 62-66.
- MAZAR, Biniamin. *Enciclopedia Mikrait (Hebraico)*. Jerusalém: Bialik Institute, 1982, Vol. 3, pp. 695-700.
- MELAMED, Meir M. *Torá – A Lei de Moisés*. São Paulo: Sefer, 2001.
- NAVILLE, Edouard. *The Geography of the Exodus*, in *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 10, No. 1 (1924), pp. 18-39.
- PRENTICE, Jr. Sartell. *The Route of Israel in the Desert*. In *The Biblical World*, Vol. 41, No. 4. (1913), pp. 238-244.
- ROBINSON, George L. *The Route of the Exodus from Egypt*. In: *The Biblical World*, Vol. 18, No. 6 (1901), pp. 410-423.
- SCHWARTZ, Dan. *Eleh Mas'ei*. Jerusalem: Dan Schwartz, 2003.